

ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E MODOS ESQUEMÁTICOS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLENCIA DOMÉSTICA

INITIAL MALADAPTIVE SCHEMAS AND SCHEMATIC MODES IN WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE

Carolina Miranda Backx Toledo¹ e Ana Cláudia de Azevedo Peixoto²

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em uma amostra de 20 mulheres vítimas de violência doméstica, no contexto de relacionamentos amorosos, atendidas em equipamento especializado para receber mulheres em situação de violência. A pesquisa foi estruturada sob a perspectiva metodológica da Inserção Ecológica e os dados foram analisados em duas etapas: 1) coleta de dados quantitativos, com base em questionários de esquemas, inventários de modos esquemáticos e dados sociodemográficos das entrevistas; 2) por meio de investigação e análise de conteúdo de dados qualitativos extraídos de entrevistas e observações de campo. Os resultados mostraram a presença de esquemas iniciais desadaptativos, principalmente no primeiro domínio – Desconexão e Rejeição – e no quarto domínio – direcionamento para o outro. Sugere-se que essas variáveis podem aumentar a vulnerabilidade das mulheres à violência. Os modos de enfrentamento disfuncionais encontrados na amostra foram: Capitulador Complacente e Autoconfortador Desligado.

Palavras-chave: violência, violência contra a mulher, violência de gênero, Terapia do Esquema, relacionamento conjugal.

Abstract

The main objective of this research was to identify Initial Maladaptive Schemes and Schematic Modes in a sample of 20 women victims of domestic violence, in the context of romantic relationships, treated in specialized equipment to receive women in situations of violence. The research was structured from the methodological perspective of Ecological Insertion and the data was analyzed in two stages: 1) collection of quantitative data, based on schematic questionnaires, schematic mode inventories and sociodemographic data from the interviews; 2) through investigation and content analysis of qualitative data extracted from interviews and field observations. The results showed the presence of initial maladaptive schemas, mainly in the first domain – Disconnection and Rejection – and in the fourth domain – targeting the other. It is suggested that these variables may increase women's vulnerability to violence. The dysfunctional coping modes found in the sample were: Compliant Surrenderer and Detached Self-Soother.

Keywords: violence, violence against women, gender violence, Schema Therapy, marital relationship.

¹ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Doutora em Psicologia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Editor-associado: Janaína Cristina de Sousa Bertoldo e Martins

Recebido em: 04/04/2024

Aceito em: 03/05/2024

Publicado em: 23/12/2024

Citar: Toledo, C. M. B., & Peixoto, A. C. de A. (2024). Esquemas iniciais desadaptativos e modos esquemáticos em mulheres vítimas de violência doméstica. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 117–128.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a violência contra a mulher esteve protegida por princípios da inviolabilidade da vida privada. Foi o movimento feminista que trouxe à tona a violência de gênero como um problema de dimensão pública e coletiva, através da denúncia e da luta contra as formas institucionais e não institucionais de domínio do masculino (Silveira, Nadir & Spindler, 2014). Apesar dos avanços nessa área, os dados estatísticos apontam que ainda há muito a se fazer para mitigar esse tipo de violência. A literatura mostra que a violência contra a mulher acontece em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias, apresentando-se de diversas formas. No ano 2017 houve um crescimento do feminicídio no Brasil, com uma média de 13 assassinatos por dia, ou seja, foram 4.936 mulheres mortas ao longo do ano; o maior número registrado desde o ano de 2007 (IPEA & FBSP-2019, 2019).

Em relação à violência doméstica, houve um agravamento com o advento do isolamento social em função da pandemia pelo novo coronavírus (SARS-COV 2), também nomeado de COVID-19 (Ministério da Saúde, 2020). Nesse contexto, muitas mulheres em situação de violência foram obrigadas a ficar em casa com o seu agressor. Com isso, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro relatou um aumento de 50% nos casos de violência doméstica no Estado durante os primeiros dias do período de isolamento (Galvani, 2020).

A violência doméstica é um fenômeno social multifatorial e, por isso, se torna complexo e denota uma relação direta entre a inferiorização do gênero feminino e a violência contra a mulher (Mendes et Al, 2020). Entretanto, para além das questões de gênero, é preciso investigar também aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais que podem promover e/ou manter relações violentas. Nessa perspectiva, a Terapia do Esquema (TE) fornece base para o estudo e compreensão da violência nas relações conjugais.

Esquemas são uma fonte de emoção, vivência, cognição e comportamento que orientam a maneira pela qual se pode perceber e representar o mundo, por consequência, a forma como se vive os relacionamentos (Reis & Andriola, 2019, p. 17). Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID) são formados a partir da relação entre o temperamento emocional, experiências com figuras de afeto na infância e o nível de atendimento das próprias necessidades emocionais básicas de acordo com cada fase do desenvolvimento (Wainer et al., 2016).

Na interação de pouca ou nenhuma qualidade com pessoas significativas e no não atendimento das necessidades básicas emocionais, alguns comportamentos disfuncionais podem se manifestar ao longo do desenvolvimento. Estes comportamentos, considerados desadaptativos, desdobram-se como respostas a um esquema, sendo provocados pelos mesmos que, embora não façam parte dele, ainda terão relação com os estilos de enfrentamento. A resposta a esses esquemas são os modos, ou seja, um “conjunto de esquemas ou operações de esquemas – adaptativos ou desadaptativos – que serão ativados no indivíduo em um dado momento” (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 48).

Os Modos Esquemáticos (ME) são modelos característicos de funcionamento de uma pessoa, ou seja, a maneira como a pessoa se comporta em determinado momento, sobretudo nas relações interpessoais, nas quais há ativação emocional (Wainer et al., 2016). Nos relacionamentos íntimos, uma série de reações e respostas desadaptativas podem provocar uma interação nociva na relação, o que pode inviabilizar a validação e reconhecimento das necessidades emocionais da companheira ou companheiro. A TE descreve quatro tipos

principais de modo: modo criança, modos de enfrentamento desadaptativo, modos pais disfuncionais e modo adulto saudável. Cada um irá espelhar certos esquemas (com exceção do adulto saudável e da criança feliz) ou corporificará certos tipos de enfrentamento (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 51).

O estudo sobre o fenômeno da violência doméstica contra a mulher nesta pesquisa foi construído a partir dos conceitos de Esquemas Iniciais Desadaptativos e os Modos Esquemáticos, referenciados na Teoria do Esquema de Jeffrey E. Young (Young, Klosko & Weishaar, 2008). Nessa perspectiva, entende-se que os modelos mentais de como amar e ser amado são construídos a partir das experiências com os cuidadores e com outras figuras representativas no desenvolvimento do sujeito. Tais modelos certamente poderão ser utilizados como plataforma para vivenciar as futuras relações íntimas (Paim, 2019).

No intuito de ampliar o conhecimento sobre essa temática tão necessária e desafiadora, o presente artigo apresenta um estudo sobre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos em mulheres vítimas de violência doméstica no contexto dos relacionamentos amorosos, acompanhadas em um equipamento de proteção especializado no atendimento à mulheres vítimas de violência em um município do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo aplicado e exploratório com uma abordagem quantitativa-qualitativa, seguindo a campo sob a perspectiva teórica da Inserção Ecológica (Koller & Moraes, 2016). O estudo dos dados se deu a partir da teoria de análise de conteúdo de Bardin (Bardin, 1977). Além disso, a trajetória da análise seguiu as seguintes etapas: leitura flutuante, exploração do material, codificação, classificação e categorização.

A proposta da pesquisa foi investigar a relação entre Esquemas Iniciais Desadaptativos e Modos Esquemáticos com o fenômeno da violência doméstica contra a mulher. Para tal, buscou-se não apenas a mensuração dos instrumentos utilizados em campo, mas também a interseção e interlocução entre estudos anteriores, observações e vivências da pesquisadora em campo, que durou um ano (2020/2021), bem como o relato das mulheres, buscando, assim, compreender de maneira ampla o fenômeno da violência contra mulher.

O trabalho de campo foi desenvolvido através do método da Inserção Ecológica (IE), uma proposta metodológica desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos da teoria Bioecológica (Bronfenbrenner, 1996), com o objetivo de orientar pesquisadores no campo de investigação. A IE está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos, que propõem o estudo do desenvolvimento humano a partir de um modelo científico que envolve a interação entre quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico (Bronfenbrenner, 1996; Koller & Cecconello, 2016, p. 41).

O primeiro núcleo, processo, trata do modelo de interação do sujeito com o seu ambiente, outras pessoas, objetos e símbolos. O segundo, que diz respeito à pessoa, faz referência a características biológicas, físicas e psicológicas que, na relação com o seu ambiente, são produtos e produzem desenvolvimento e influenciarão os processos proximais por suas necessidades de recursos e forças. O terceiro núcleo, denominado contexto, tem relação com o lugar imediato da pessoa, seja ele a casa, a escola, o trabalho, entre outros lugares que essa pessoa possa estar inserida, permitindo que haja uma troca face a face e uma interação

de convivência que promove processos proximais. O quarto núcleo é o tempo, e este perpassa todo o processo do desenvolvimento, como a política e os valores dominantes (Koller, Paludo & Moraes, 2016, p. 299).

A partir da Inserção Ecológica, foram observados os quatro elementos do desenvolvimento humano: a pessoa, que neste caso trata-se das mulheres vítimas de violência que buscaram ajuda no equipamento; o processo, visto na relação dessas mulheres com as técnicas; o contexto, ou seja, a influência do ambiente do equipamento na vida dessas mulheres; e o tempo (macrotempo), que foi o momento em que a pesquisa ocorreu, considerando o contexto da pandemia de COVID-19.

Compreendendo que o processo e suas relações proximais são, em especial, os principais mecanismos responsáveis pelo desenvolvimento humano a ser contemplado e pensado no método da Inserção Ecológica (Bronfenbrenner, 1996), buscou-se, através do diário de campo, registrar as interações e as relações de vínculo desenvolvidas entre as participantes e as técnicas do equipamento.

O local de estudo foi o Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) da cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. O equipamento, que iniciou suas atividades em fevereiro de 2005, foi implementado como uma das ações prioritárias da Coordenadoria de Políticas para Mulheres da cidade de Nova Iguaçu (CPM-NI). Trata-se de um serviço gratuito às mulheres vítimas de violência doméstica, familiar e sexual a partir dos 18 anos de idade, que fornece acolhida, orientação e acompanhamento com assistente social, psicóloga e advogada. Conta ainda com atendimento psicopedagógico, iniciado em 2017, para as crianças, filhos e filhas, de mulheres vítimas de violência que apresentam dificuldades escolares.

PARTICIPANTES

A amostra desta pesquisa foi composta por 20 mulheres, com idades entre 30 e 69 anos, vítimas de violência doméstica no contexto do relacionamento amoroso, que tiveram o primeiro atendimento pelo CEAM entre 2015 e 2021. Todas as mulheres residiam na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no período em que sofreram agressão.

INSTRUMENTOS

Um dos instrumentos utilizados para coletar dados foi o Questionário de Esquemas de Young – versão reduzida (Young Schema Questionnaire YSQ-S3), com 90 questões, avaliando 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos (Wainer et al., 2016): Privação Emocional; Abandono; Desconfiança/Abuso; Isolamento Social/Alienação; Defectividade/Vergonha; Fracasso; Dependência/Incompetência; Vulnerabilidade; Emaranhamento; Subjugação; Autossacrifício; Inibição Emocional; Padrões Inflexíveis; Grandiosidade/Arrogo; Autocontrole e Autodisciplina Insuficientes; Busca de Aprovação; Negativismo; e, Postura Punitiva.

O questionário é um instrumento de uso livre que foi traduzido e adaptado por J. Pinto Gouvea, D. Rijo e M. C. Salvador, 2005. Os itens do questionário referem-se às crenças e pressupostos típicos de cada EID. Essa forma reduzida é mais rápida, menos cansativa e constam nela as sentenças de maior representatividade de cada EID (Wainer et al., 2016). Concerne em um instrumento de autoaplicação, no qual o sujeito se autoavalia em relação ao quanto cada afirmativa o descreve, a partir de uma escala Likert de 6 pontos, sendo: de 1 = completamente falso, isto é, não tem absolutamente nenhuma relação com que acontece comigo, a 6 = descreve-me perfeitamente, isto é, tem total relação com o que acontece comigo. Os resultados foram

avaliados de forma quantitativa a partir da média de cada esquema, compreendendo como ativado um EID a partir de escore médio de 4,5.

O segundo instrumento utilizado foi o Inventário de Modos (SMI) (Schema Mode Inventory). Trata-se de uma versão curta, de 124 itens, que avalia a existência de 14 modos esquemáticos a partir da teoria de Jeffrey Young. São eles: Criança Vulnerável; Criança Zangada; Criança Impulsiva; Criança Indisciplinada; Criança Raivosa; Criança Feliz; Capitulador Complacente; Protetor Desligado; Protetor Autoaliviador; Autoengrandecedor; Intimidação e Ataque; Pais Punitivos; Pais Exigentes/críticos; e, Adulto Saudável.

O Inventário de Modos permite uma avaliação abrangente sobre o funcionamento esquemático do sujeito, propondo investigar os estilos de interação com o mundo a partir da ativação dos EIDs e suas estratégias de enfrentamento (Wainer et al., 2016). O instrumento apresenta afirmações que devem ser respondidas com base numa escala de frequência que vai do 1 (nunca) ao 6 (o tempo todo). A correção ocorre com base nas médias obtidas, assim, as pontuações mais altas refletem uma elevada frequência de ativação de cada Modo de Esquema em específico.

O Inventário de Modos (2014) foi traduzido e adaptado para uso no Brasil, para adultos a partir de 18 anos, por Elisa Steinhorst Damasceno, Lauren Heineck de Souza e Margareth da Silva Oliveira. Para uso nesta pesquisa, foi solicitada e concedida a devida autorização para uso do instrumento e folha de correção.

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida pela pesquisadora com o propósito de coletar dados sobre o histórico e as experiências de violência doméstica da amostra de mulheres. Constaram, na entrevista, dados sociodemográficos como idade, escolaridade, entre outros. A entrevista apresentou um roteiro com as seguintes temáticas: conceito de violência doméstica, questões relacionadas ao papel feminino e masculino, histórico familiar de violência doméstica, experiências atuais, entre outras.

PROCEDIMENTO

A coleta de dados teve início após a aprovação da pesquisa junto ao comitê de ética. Mulheres vítimas de violência doméstica, que receberam ou estiveram em atendimento no equipamento, foram convidadas a participar da pesquisa voluntariamente, após esclarecimentos sobre o estudo e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As voluntárias receberam o convite para compor o estudo, através das técnicas do Equipamento e da pesquisadora, por meio de contato telefônico ou mensagem (WhatsApp oficial da instituição). Foram agendados dias e horários específicos para coleta de dados. O local onde aconteceu a pesquisa foi um espaço reservado, garantindo o sigilo das informações.

A pesquisa de campo foi dividida em duas fases: a primeira, com a inserção em campo da pesquisadora, a fim observar e conhecer o equipamento, a Equipe, a dinâmica de atividades e as mulheres atendidas; a segunda, com os encontros para aplicação dos instrumentos (entrevista, Questionário de Esquemas e Inventário de Modos). Em cada uma das etapas utilizou-se o diário de campo, objetivando os registros das vivências e percepções da pesquisadora.

Em função do contexto de pandemia de COVID-19 e o cuidado em não promover aglomerações, a pesquisa precisou acontecer de maneira individual com apenas uma voluntária por encontro. Toda a pesquisa de campo foi desenvolvida pela pesquisadora, não sendo possível, nesse cenário de pandemia, o suporte

presencial das estagiárias de psicologia, que participaram deste estudo realizando as transcrições das entrevistas.

Todas as providências sanitárias em função da pandemia de COVID-19, conforme orientação do Ministério da Saúde, estavam implementadas no equipamento e foram seguidas rigorosamente pela pesquisadora e pelas voluntárias. O equipamento funcionou com o público reduzido, sem aglomerações no local, além de todas as salas possuírem álcool em gel disponível ao público. Todos os funcionários presentes estavam trabalhando em sistema de plantão e a utilização de máscara era obrigatória no local.

Os encontros da pesquisadora com as voluntárias seguiram todos os protocolos de segurança do Ministério da Saúde para evitar contágios pelo novo coronavírus. Foi aplicada a entrevista padronizada, com perguntas fechadas e abertas, na qual constou informações sociodemográficas, um rastreamento sobre histórico de violência, tanto no âmbito familiar durante a infância e adolescência, como em relacionamentos atuais. A seguir, o Questionário de Esquemas, versão reduzida e, por último, o Inventário de Modos Esquemáticos.

O tempo de duração dos encontros foi bastante variado, dependendo da dificuldade das voluntárias, da necessidade de fala ou de aproximação com a pesquisadora. Como possuem uma boa relação de vínculo com as técnicas do equipamento, era esperado da pesquisadora o mesmo acolhimento e receptividade. Por vezes, era realizada uma breve conversa sobre violência doméstica, abordando também a importância da pesquisa e um questionamento sobre a história de vida da voluntária. Os encontros variaram entre 1h30m até 4h de duração.

A título de complementaridade, as informações sobre raça, tempo de acompanhamento no equipamento e tempo no qual a violência perdurou, foram coletadas do Formulário de Protocolo de Atendimento do equipamento.

A pesquisa foi submetida ao comitê de ética via Plataforma Brasil aprovado sob a inscrição 4.590.994. Sendo orientada de acordo com a Resolução 466/12 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), que regulamenta a participação de seres humanos em pesquisas. Ademais, todas as participantes foram esclarecidas quanto à pesquisa e sua participação de forma voluntária, bem como receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados, foi utilizada uma das salas de atendimento às mulheres vítimas de violência no próprio equipamento e em outros momentos o auditório, garantindo o sigilo das informações. Todos os dados da pesquisa estão em confidencialidade e foram utilizados exclusivamente para fins científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gênese da formação de EIDs está nas necessidades emocionais básicas não atendidas da criança, ou seja, caso suas relações afetivas na infância não supram essas necessidades, EIDs respectivos aos seus Domínios Esquemáticos (DEs) serão formados para auxiliar essa pessoa a lidar com o seu contexto e as características que o envolvem (Wainer et al., 2016, p. 19).

Na Tabela 1, com base em Young, Klosko e Weishaar (2008), os EIDs encontrados na amostra de mulheres:

Tabela 1. Esquemas Iniciais Desadaptativo encontrados na amostra de mulheres.

Esquemas Iniciais Desadaptativos	Descrição
Desconfiança e abuso	Espera-se que os outros irão sempre machucar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se.
Vulnerabilidade	Medo excessivo de que uma catástrofe irá ocorrer a qualquer momento e de que não há como impedir.
Inibição emocional	Demasiada inibição de ações espontâneas, sentimentos ou comunicação, geralmente para evitar reprovação.
Negativismo	Foco excessivo nos aspectos negativos da vida, sofrimento, morte, perda, decepção etc.
Privação emocional	Sentimento de que o desejo de ter um grau satisfatório de apoio emocional não será satisfeito adequadamente pelos outros.
Isolamento social e alienação	Sensação de estar isolado do resto do mundo, percepção de si como sendo diferente das outras pessoas, de que não pertence a nenhum grupo ou comunidade
Fracasso	Fracassou ou fracassará, ou não é tão bom como os demais em relação às suas conquistas.
Abandono	Percepção de que os outros de quem a pessoa mais depende ou com quem mais conta irá abandoná-lo para sempre.
Defectividade e vergonha	Sentimento de ser defeituoso, falho, mau, indesejado, inferior ou inválido em aspectos importantes, ou de não merecimento do amor das pessoas que são importantes quando está em contato com elas.
Emaranhamento	Envolvimento emocional e intimidade em excesso com uma ou mais pessoas importantes.
Subjugação	Submissão excessiva ao controle dos outros.
Padrões inflexíveis	Crença de que precisa fazer um grande esforço para atingir elevados padrões internalizados de comportamento e desempenho, normalmente para evitar críticas.
Grandiosidade	Crença de que é superior às outras pessoas.
Autossacrifício	Mantém-se excessivamente focada em atender voluntariamente as necessidades dos outros em situações do dia a dia à custa da própria gratificação.

A seguir, a Tabela 2 apresenta o percentual dos EIDs encontrados através do Questionário de Esquemas (YSQ-S3) na amostra de mulheres, a partir da média de corte 4,5.

Tabela 2. Esquemas Iniciais Desadaptativos > ou = a 4.5

Esquemas Iniciais Desadaptativos	Dados (amostra)	f (%)
Autossacrifício	8	40,00%
Desconfiança e Abuso	3	15,00%
Vulnerabilidade	3	15,00%
Inibição	3	15,00%
Negativismo	3	15,00%
Privação Emocional	2	10,00%
Isolamento e Alienação	2	10,00%
Fracasso	2	10,00%
Abandono	1	5,00%
Defectividade e Vergonha	1	5,00%
Emaranhamento	1	5,00%
Grandiosidade	1	5,00%
Subjugação	1	5,00%
Padrões Inflexíveis	1	5,00%

O EID de Autossacrifício apareceu em 40% da amostra. Ao ampliar a média de corte para 4, o número de mulheres que apresentam esse esquema subiria de 8 para 11 mulheres, ou seja, mais da metade da amostra.

A literatura sugere que a pessoa com o EID de Autossacrifício mantém-se excessivamente focada em atender voluntariamente as necessidades dos outros em situações do dia a dia às custas da própria gratificação. Tal comportamento ocorre pela motivação em não querer provocar sofrimento nos outros, evitar culpa de se sentir egoísta ou se manter conectado com as outras pessoas, as quais percebe como necessitadas (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 30). A submissão dos próprios desejos para atender as necessidades ou os desejos dos companheiros indicou a ampliação da vulnerabilidade dessas mulheres a situações de violência doméstica.

Segundo Paim e Cardoso (2019), o EID de Autossacrifício pode corroborar para dificuldade de se posicionar na defesa de seus direitos, tal como na solicitação do atendimento às suas necessidades pessoais, assim, não se sentindo no direito de ter suas necessidades emocionais garantidas, mantendo relacionamentos sem reciprocidade e com pouca intimidade. É possível relacionar esse dado com o tempo de permanência dessas mulheres nas relações violentas. Algumas dessas mulheres se resignaram, abrindo mão de seus direitos, e muitas vezes sentindo-se culpadas e sem merecimento de um relacionamento saudável.

Sobre a vitimização da violência, Paim e Falke (2018) revelaram que os esquemas de defectividade/vergonha, tanto em mulheres quanto em homens, e esquema de desconfiança/abuso, em homens, foram percebidos como preditores de violência física sofrida nas relações íntimas, pois apresentam ausência de critismo e rejeição. O artigo destaca, ainda, que os EIDS de primeiro domínio se associam à manutenção de relações violentas. Güngör (2015) salienta que EIDs referentes à primeira etapa evolutiva estão relacionados à dificuldade em estabelecer vínculos, o que acaba por se tornar um obstáculo para uma relação assertiva e satisfatória.

Nos resultados também foi observado uma predominância de esquemas pertencentes ao primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) nas entrevistadas. Isto posto, entende-se que estes contribuem para atração e manutenção de relações nas quais elas oficialmente não terão suas necessidades emocionais atendidas.

A Tabela 3, apresenta o resultado do agrupamento dos EIDs por domínios esquemáticos.

Tabela 3. Esquemas Iniciais Desadaptativos por Domínio Esquemático

Domínio Esquemático	Dados (amostra)	f (%)
1º Domínio- Desconexão e Rejeição	9	45,00%
4º Domínio- Direcionamento para outro	8	40,00%
5º Domínio- Supervigilância e Inibição	7	35,00%
2º Domínio- Autonomia e Desempenho Prejudicados	6	30,00%
3º Domínio- Limites Prejudicados	1	5,00%

Os EIDs de primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) com nota de corte 4.5, perfizeram um total de 45% da amostra. Indivíduos com esquemas no primeiro domínio frequentemente acreditam que não serão atendidos em suas necessidades básicas de cuidado, proteção, empatia, segurança e estabilidade e são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios com outras pessoas. Várias dessas pessoas têm infâncias traumáticas e tendem, na vida adulta, a adentrar em relacionamentos destrutivos (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 27).

Frequentemente, o modelo de família é mais frio, rejeitador, isolador, imprevisível e/ou abusador (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 27). Nesse aspecto, os EIDs revelam um ambiente familiar e relacional de muita violência nas famílias de origem, o que contribui para formação de EIDs nesse domínio. Os EIDs são formados por experiências sistemáticas com figuras de afeto, de cuidado e tidas como significativas para a criança, interagindo com as necessidades básicas emocionais não atendidas em conexão com o temperamento emocional da criança.

Outro dado relevante demonstrou que 40% da amostra apresentou EIDs do quarto domínio (direcionamento para o outro). Pessoas com EIDs nesse domínio focam de maneira excessiva em atender as necessidades dos outros em vez dos seus próprios interesses. Nesse contexto, é importante dizer que isso se dá em função do desejo de obter aprovação, ter conexão emocional e evitar retaliações (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33).

É possível inferir que esquemas identificados no quarto domínio poderiam surgir como estratégia para atender as necessidades dos EIDs do primeiro domínio ativados, ou seja, na busca por cuidado, proteção e segurança, essas mulheres se submetem aos desejos (à violência) de seus cônjuges. Além disso, a problemática cultural e religiosa sobre o papel da mulher no contexto dos relacionamentos amorosos pode ratificar o lugar de submissão dos próprios desejos para se conectar com o outro e se sentir aceita.

Indivíduos com EIDs no quarto domínio na relação com outras pessoas também tendem a se concentrar unicamente nas solicitações destas pessoas em prejuízo de suas próprias necessidades e, por vezes, não têm consciência de suas próprias preferências (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33). Durante a inserção ecológica que possibilitou a interação com as técnicas do equipamento e a participação da pesquisadora no

grupo das mulheres, foram frequentes os relatos sobre a dificuldade de muitas dessas mulheres em situação de violência em identificar, por exemplo, qual seria sua cor ou até mesmo sua comida favorita, já que vestiam e/ou comiam apenas o que era de agrado seus companheiros.

Quando crianças, pessoas com EIDs no quarto domínio não se sentem livres para seguir seus próprios desejos. A criança não tem suas necessidades de respeito às suas aspirações e tendências emocionais atendidas (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33). A entrevistada 14, ao falar de seu ambiente familiar nuclear, relata: “[...] criança não tinha voz, não sabia que podia falar, me expressar, aprendi na vida adulta”.

Esquemas do quinto domínio (supervigilância e inibição) foram identificados em 35 % da amostra de mulheres. Pessoas com esse domínio reprimem seus sentimentos e impulsos espontâneos e se dedicam a cumprir rígidas regras que foram internalizadas em relação a seu próprio desempenho à custa de sua própria felicidade, autoexpressão, relaxamento, relacionamento íntimo e boa saúde, além de serem caracterizadas por uma infância muito severa e rígida, na qual o ambiente não validava suas expressões emocionais (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33).

O segundo domínio (autonomia e desempenho prejudicados) apareceu em 30% das mulheres, e diz respeito à competência de afastar-se da própria família e funcionar de maneira independente, como outras pessoas da sua idade (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33). Mulheres com EIDs neste domínio têm necessidade de liberdade e incentivo para experimentar, já que provavelmente foram superprotegidas ou não foram cuidadas e não tinham nenhum adulto que delas cuidasse. Como resultado, a incompetência de moldar suas próprias identidades e constituir suas próprias vidas, como se permanecessem crianças durante boa parte da vida adulta em relação a suas competências (Young, Klosko & Weishaar, 2008, p. 33).

Sobre Modos Esquemáticos e suas consequências nas vítimas de violência

Os Modos Esquemáticos são modelos característicos de funcionamento de uma pessoa, ou seja, a maneira como a pessoa se comporta em determinado momento, sobretudo nas relações interpessoais, nas quais há ativação emocional (Wainer et al., 2016, p. 53). Nos relacionamentos íntimos, uma série de reações e respostas desadaptativas (ciclo esquemático) podem provocar uma interação nociva na relação, o que pode inviabilizar a validação e reconhecimento das necessidades emocionais da companheira ou companheiro.

As participantes foram questionadas sobre como normalmente reagiam e qual comportamento manifestavam com seus parceiros no momento da violência. Nesse contexto, 75% disseram apresentar comportamento indicando resignação: “[...] era só chorar, como eu chorava, olho pra mim agora, falam que eu tenho até rugas de tanto que eu já chorei” (Entrevistada 19). A entrevistada 9 relatou: “eu não reagia, me calei, me anulava”. Já a entrevistada 8 chegou a pensar em suicídio: “aí eu chorava né, que, que, que até dava vontade de se matar”.

No momento da violência existe um perigo real, no qual muitas vezes a resposta comportamental mais adaptativa, de fato, é a resignação. Entretanto, a partir das entrevistas, infere-se que a tendência é que esse comportamento mais passivo se perpetue, como pode ser observado nas falas das entrevistadas a seguir: “Eu ficava mais calada, esperava o pedido de desculpa dele e muitas das vezes eu achava que, sei lá foi porque, porque eu gritei, porque eu que falei alto” (Entrevistada 20); “No início eu reagia, brigava, depois fui ficando passiva, fui ficando sem falar pra não ficar pior” (Entrevistada 17).

Importante ressaltar que, no momento da pesquisa, 90% da amostra de mulheres não estava mais em situação de violência e 95% esteve ou estava em acompanhamento psicológico no equipamento. Tal dado certamente demonstra a possibilidade de maior consciência de suas necessidades e vulnerabilidades e, em alguma medida, pode-se dizer também que o modelo de relação saudável estabelecido com as técnicas do equipamento pode ter produzido reparação em algumas das necessidades não atendidas dessas participantes. Esse resultado também explica os 45% da amostra indicando ativação no modo *Adulto Saudável*, um modo muito funcional e adaptativo, em que as participantes são capazes de identificar suas próprias necessidades e atuar para supri-las dentro do possível.

A Tabela 4 apresenta os modos esquemáticos encontrados através da aplicação do Inventário de Modos na amostra de mulheres, a partir da média de corte 4,5.

Tabela 4. Modo Esquemático encontrados na amostra de mulheres

	Dados (amostra)	f (%)
<i>Adulto Saudável</i>	9	45,00%
<i>Criança</i>		
<i>Feliz</i>	5	25,00%
<i>Pais Internalizados</i>		
<i>Pais exigentes</i>	3	15,00%
<i>Enfrentamento Disfuncional</i>		
<i>Autoconfortador Desligado</i>	3	15,00%
<i>Capitulador Complacente</i>	1	5,00%

Foi significativo observar o maior índice no modo adulto saudável. Nesse modo, as mulheres são capazes de buscar relações e atividades mais saudáveis, tendo uma visão mais positiva de si (Wainer et al., 2016, p. 153). Importante ressaltar que a amostra abarcou mulheres que sofreram violência de 2015 a 2021, ou seja, algumas dessas mulheres já não estavam em situação de violência e já estavam em acompanhamento pelo equipamento – recebendo proteção e cuidado, fato este que pode explicar esse resultado.

Um ponto de atenção foi o percentual baixo, 25%, no modo *criança feliz*, uma vez que é nesse modo que a pessoa se sente amada, conectada, contente e atendida em suas necessidades (Wainer et al., 2016, p. 55). Esse modo permitiria às mulheres maior sensação de liberdade e maior capacidade de buscar o prazer. Nesse aspecto, talvez o tempo em que estiveram em situação de violência, subjugadas e resignadas ao agressor, pode ainda dificultar a sensação de liberdade e alegria presentes a partir das experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura emocional, cognitiva, histórico-familiar e social nos contextos femininos pode vulnerabilizar os comportamentos de uma mulher, explicando o fenômeno da violência, que é tido como complexo e multifatorial.

A partir desses dados, foi possível observar a presença de EIDs do primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) como Abandono, Privação Emocional, Desconfiança e Abuso, Isolamento e Alienação, Defectividade e Vergonha predominaram na amostra de mulheres, confirmando estudos que associam esses esquemas à

manutenção de relações violentas. Na sequência, EIDs de quarto domínio (Direcionamento para outro) como Autossacrifício e subjugação. Nesse caso, pode-se inferir que esses surgem como esforço dessas mulheres para terem suas necessidades emocionais do primeiro domínio atendidas, ou seja: "eu me submeto ao outro para me manter conectada a ele".

Compreendendo que a amostra avaliada já não estava, em sua maioria, na relação com seu agressor, o Modo Adulto Saudável, que é bastante adaptativo, apareceu de forma prevalente. O modo Criança Feliz aparece em percentual mais baixo, do que se pode inferir que o tempo em que estiveram em situação de violência, subjugadas e resignadas ao agressor, poderia ter dificultado a sensação de liberdade, já que a maioria delas esteve durante muitos anos em uma relação violenta.

Sem dúvida, a pandemia de COVID-19 impôs limitações a este estudo, dificultando a inserção da pesquisadora em campo. Inicialmente, a proposta era de três encontros com cada voluntária, o que precisou ser reduzido a um. Algumas mulheres relataram dificuldade na compreensão das perguntas do Questionário de Esquemas, sendo necessário o suporte da pesquisadora para compreensão das mesmas. Outra limitação refere-se aos poucos estudos na temática no Brasil, restringindo a comparação com outras amostras e contextos.

Sugere-se que mais pesquisas de avaliação com esse público sejam realizadas, visto as notificações de violência contra essa população e as consequências trágicas que esse fenômeno pode ativar, tanto no âmbito pessoal, quanto nos aspectos coletivos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, 1977.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2016). Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In Koller, Paludo & Moraes (org.). *Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Galvani G. (2020). *Violência doméstica na quarentena: como se proteger de um abusador?* Carta Capital. Recuperado de <https://www.cartacapital.com.br/saude/violencia-domestica-na-quarentena-como-se-proteger-de-um-abusador/>
- Güngör, H. C. (2015). The Predictive role of early maladaptive schema and attachment styles on romantic relationships. *International Journal of Social Sciences and Education*.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) & Fórum Brasileiro de Segurança Pública 2019 (FBPS 2019). (2019). *Atlas da Violência 2019*. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo. Recuperado de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf
- Koller, S. H., Paludo, S. & Moraes, N. A. (2016). *Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, Adriana Pereira *et al* (2020). *Dossiê mulher 2020*. 15. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, 2020. Recuperado de http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieMulher2020.pdf.

- Ministério da Saúde. (2011). *Viva: instrutivo de notificação de violência doméstica, sexual e outras violências*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2011_2012.pdf.
- Ministério da Saúde. (2020). *Protocolo de manejo clínico para o novo coronavírus (2019-nCoV)*. Recuperado de <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/11/protocolo-manejo-coronavirus.pdf>.
- Paim, K. & Falcke, D. (2018). *The experiences in the family of origin and the early maladaptive schemas as predictors of marital violence in men and women*. Recuperado de http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312018000300002&lng=pt&nrm=iso
- Paim, K. O papel dos Esquemas no relacionamento interpessoal. (2019). In Paim, K. & Cardoso, A. (Org). *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Paim, K. & Cardoso, L. A. (2019). O papel dos Esquemas no relacionamento interpessoal. In Paim, K. & Cardoso, A. (Org). *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Pinto Gouveia, J., Rijo, D., & Salvador. (2005). A versão portuguesa do Questionário de Esquemas de Young. XIII Congresso Nazionale AIAMC – IX Congresso Latini Dies abstract book. Milano.
- Reis, A. H. & Andriola, R. (2019). O papel dos Esquemas no relacionamento interpessoal. In Paim, K. & Cardoso, A. (Org). *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Scott Kellogg Ph.D. & Jeffrey Young, Ph.D. (2014). Questionário de esquemas de Young. (Tradução e adaptação oficial para uso no Brasil por Elisa Steinhorst Damasceno, Lauren Heineck de Souza e Margareth da Silva Oliveira. Autorização exclusiva do Schema Therapy Institute.)
- Silveira, R. S., Nardi, H. C. & Spindler, G. (2014). Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. *Psicol. Soc. Vol. 26 nº.2*. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200009&lng=en&nrm=iso
- Souza, Lauren Heineck de, Damasceno, Elisa Steinhorst, Ferronatto, Felipe Gonçalves, & Oliveira, Margareth da Silva. (2020). Adaptação Brasileira do Questionário de Esquemas de Young - Versão Breve (YSQ-S3). *Avaliação Psicológica, 19(4)*, 451-460. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1904.17377.11>
- Wainer, R. et al. (2016). *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E., Klosko, J. S. & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.